

À Biblioteca Pública de Braga

TEMPO LIVRE

28
JULHO
1962

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

Visita Pastoral a Dornelas e inauguração das obras feitas na Igreja Matriz

A freguesia de Dornelas estará em festa no próximo Domingo. Dois acontecimentos assim o exigem: a visita Pastoral e a inauguração das obras feitas na sua igreja.

Como Pastor teremos entre nós o Senhor D. Francisco Maria da Silva, Bispo Auxiliar de Braga, o antistete tão admirado e querido de toda a Arquidiocese, figura grande da Igreja e inteligência viva que penetra e cativa. Vai recebe-lo uma das mais



P. Avelino dos Santos Antunes pároco de Dornelas

de duas centenas de contos e vieram repor na talha admirável e valiosa que ornamenta aquele templo o brilho e o fulgor que lhe faziam falta. A igreja de Dornelas ficou, graças ao rico douramento dado na artística talha que circunda o seu Sacrário e acompanha o seu arco, a mais sedutora e bela de quantas existem nestas redondezas, não obstante muitas serem do mais rico corte.

Mas a Igreja recebeu outras e grandes beneficiações, sendo justo destacar a construção da nova sacristia, de novos altares e arranjo dos

Tudo foi possível graças ao prestígio e acção denodada do sr. Padre Avelino dos Santos Antunes, um sacerdote que merece não só a admiração do povo de Dornelas, como a do concelho pelo que tem feito. Sem olhar a canseiras, a trabalhos, às incompreensões que sempre se encontram, ao grande dispêndio que tal trabalho para ser à altura da obra beneficiada tinha de causar, como causou, dedicou-se-lhe com ânimo e entusiasmo desbordantes, dinamizando mesmo os menos crédulos.

A sua acção fica como exemplo salutar de quanto pode um sacerdote quando é querido e admirado pelos seus paroquianos, quando sabe trilhar o bom caminho das realizações e do présti-

mo social indiferente aos que de qualquer maneira surgem sempre a deturpar. Vindo para o nosso Arciprestado, que é o da sua naturalidade, há cerca de quatro anos, também ele não terá deixado de ser visado mas como todos

(Continua na 5.ª página)

O Distrito prestou significativa homenagem ao Capitão Rui Mendonça

Aproveitando a breve licença que o sr. Capitão Rui Mendonça veio gozar à Metrópole, quiseram os nacionalistas do Distrito prestar-lhe significativa homenagem como preito ao seu valoroso comportamento em terras de Angola.

Para o efeito reuniram-se num dos hotéis de Braga cer-

ca de uma centena de admiradores seus, entre os quais das figuras mais representativas do Distrito.

Presidiu o sr. Governador Civil rodeado pelo homenageado e pelos srs. Comandante da Legião Portuguesa, deputados prof. dr. Nunes de Oliveira e Comendador Santos da Cunha, procuradores à Câmara Corporativa Adolfo Santos da Cunha e prof. Manuel Cardoso, Cónego António Luiz Vaz, Padre Aloísio de Sousa, etc.

Aos discursos falaram os srs. Augusto Martins, Adolfo Santos da Cunha, António José da Costa, José António Pires, António Russell, Cónego António Vaz, sr. Governador Civil e o homenageado.

Todos os oradores realçaram as suas excepcionais qualidades de homem e de militar, tendo o nosso colaborador sr. José António Pires assentado a necessidade de termos cá dentro homens da sua ténpera para comba-

(Continua na 5.ª página)

Boas Refeições

Há quem tenha a impressão de que as boas refeições devem ser muito complicadas e que serão muito me-

Outros supõem que é preciso comer muito e beber mais, ignorando que, afinal, o homem vive só do que assimila e que a capacidade de assimilação do organismo não é elástica. Portanto, comer demasiado, pode ser, pelo menos, tão prejudicial como comer pouco. De resto, a sobriedade nunca fez mal a ninguém.

O melhor cozinheiro do mundo e o grande amigo da saúde é, além disso, a vontade de comer, que nasce pela mesma razão que o Sol brilha e a Terra gira. Não precisa de excitantes.

A própria fome, quando satisfeita oportunamente, opera por vezes como um grande médico e chega a fazer milagres. E um pouco de pão de milho com quatro azeitonas e uma cebola, po-

(Continua na 4.ª página)

Encerrou-se com particular brilhantismo o curso de capatazes de práticas fitossanitárias organizado pelo Posto Agrário de Braga

Na passada terça feira reuniram-se numa propriedade do nosso Concelho algumas das mais representativas figuras dirigentes da organização agrária a-fim de assistirem ao encerramento do curso de capatazes de práticas fitossanitárias, que há cerca de um mês vinha a ser ministrado com a maior dedicação e competência pelos técnicos do Posto Agrário de Braga.

Este curso foi possível graças à colaboração da Junta Central e da Federação das Casas do Povo que, com a sua ajuda, completaram os esforços que o Posto Agrário de Braga vem fazendo sob a direcção do seu esforçado e ilustre director, sr. Eng. João Simões

de Vasconcelos, em verdade um apóstolo dedicadíssimo e lúcido das coisas da lavoura.

Presentes os srs. Eng. António de Lacerda, inspector da primeira Zona, Eng. João Simões de Vasconcelos, director do Posto Agrário de Braga, Eng. Valdemar Cordeiro, da Estação Agrária do Porto, Engs. Eduardo Garcia e Trigueiros, do Posto Agrário de Braga, dr. Manuel Ascensão de Azevedo, Subdelegado do I.N.T.P., Dr. Carlos Carneiro, Assistente da Junta Central das Casas do Povo, Jorge de Araújo, pela Federação das Casas do Povo e o instrutor do curso, regente agrícola sr. António de Matos, além de outras pessoas.

Os examinandos foram os srs. João Nuno Barbosa Caridade, de Vila Verde; António Pimenta Pereira, de Barreiros, Amares; Domingos da Silva e Cunha, de Fiscal, Amares; Manuel Gonçalves da Silva, de Amares; Adelino Fernandes Lopes, de Goães, Amares; Manuel Fernandes Rodrigues, de Seramil, Amares; José Silvestre Soares, de Cadelas, Amares; Hilário da Silva, da Feira Nova, Amares; David António da Silva, de Paranhos, Amares e Ernesto de Faria, de Basteiros, Amares.

Presidiu ao juri o sr. Eng. João Vasconcelos tendo como vogal o sr. Eng. Val-

(Continua na 5.ª página)

EDITORIAL

CONFIANÇA

Esta entrevista, que o Snr. Doutor Oliveira Salazar deu a «Il Tempo», mostra que o Mundo tem redobrado interesse em conhecer a personalidade e o pensamento do homem extraordinário que há 34 anos dirige a política executiva de Portugal. Apareceu ele em 1927 para administrar. Foram-no solicitar que viesse realizar por actos o que ensinava como teórico, professor, escritor e jornalista. Aceitou o que devia parecer um desafio. Era como quem lhe dissesse: pregar é

fácil, realizar é difícil. Dizem os espanhóis: — «En salvo está el que replica». O professor, o teórico, aceitou e veio a Lisboa. Encontrou a política indecisa e confusa. Sem desfazer a mala, regressou a sua cátedra universitária.

Voltaram a chamá-lo em 1928. Veio. Pôs condições aceitaram-lhas. E ele cumpriu. Tal prestígio conquistou que o Chefe do Estado lhe confiou a política. Era o inverso de

(Continua na 4.ª página)

TRIBUNA AGRICOLA

A Laranja — fruto valioso

Pela eng.ª agr.ª (Maria Emília A. Semedo)

A laranjeira floresce e frutifica no nosso País em ótimas condições. Instalou-se há algumas centenas de anos, criou o seu «habitat» e, o certo é que a poderemos considerar como uma das fruteiras mais vulgares entre nós; desde o Minho ao Algarve há laranjeiras.

Porém, esta abundância, ou este «bem», não pode ser descurado, antes pelo contrário, merece todos os cuidados culturais desde os amanhos do solo aos regulares tratamentos fitosanitários.

A laranja é um fruto de alto valor comercial pelas suas imensas aplicações; além do apreciado consumo em fresco, é ainda utilizada para concentrados, sumos, refrigerantes, doces, etc.

Evidentemente, será de desejar que para o consumo em fresco se utilizem os frutos de primeira escolha, sendo nosso intuito que os frutos menos dotados pela Natureza ou aqueles que o descuido do lavrador tornou menos belos e apetitosos à vista atinjam, pelo seu aproveitamento, um valor compensador.

Não atendendo, por ser impossível tratá-lo aqui, ao aproveitamento comercial da laranja, vamos antes pensar no aproveitamento caseiro e poderemos afirmar que da laranja se podem fazer um sem número de doces muito apreciados, uns em que entra o fruto todo, outros apenas a casca, outros ainda em que a laranja se consocia com a cenoura, a batata, a amêndoa, o limão e até mesmo a abóbora.

Difícil se torna até, quando nos é pedida uma receita dum doce de laranja, indicar exactamente aquilo que o consultor exactamente pretenderá.

No entanto, vamos indicar três receitas que consideramos boas, sem contudo termos a veleidade de as considerar superiores a quaisquer outras que a leitora ou leitor conheça já; é tão completo e antigo o receituário de doces portugueses!...

Das receitas escolhidas, na primeira entra o fruto todo, na segunda toda a polpa e parte da casca e na terceira utilizaremos a laranja e a cenoura.

1.ª Receita

Os frutos são lavados, de preferência com o auxílio de uma pequena escova, ficando depois imersos em água de um dia para o outro.

São depois cortados de modo que a casca fique em tiras o mais finas possível, o que será conseguido com uma faca bem afiada, uma tesoura

ou, melhor ainda e com mais rapidez e perfeição, com aquela pequena máquina de cortar batata em rodelas fininhas.

Durante o corte dos frutos, ter-se-á o cuidado de retirar todas as sementes.

Findo este arranjo, cobre-se tudo com água e leva-se ao lume até a casca da laranja ficar bem cozida. Esta cozedura poderá ser efectuada em panela de pressão, o que reduz bastante o tempo de cozedura e, neste caso, um quarto de hora é o suficiente.

Terminado o cozimento, pesa-se tudo e, por cada quilograma, adiciona-se-lhe 900 gramas ou peso igual de açúcar.

Segue-se de seguida uma fervura final, até o doce apresentar o «ponto de geleia».

No referido Boletim n.º 83 indicámos um meio muito usual e bastante prático de verificar o «ponto» de um doce; no entanto outros processos há, podendo destacar-se o que a seguir se indica, bastante simples, prático e mais seguro.

Neste método, é a temperatura do doce que nos permite determinar o objectivo a atingir; para isso, basta introduzir um termómetro adequado quando o doce está em ebulição, tendo o cuidado de evitar que o reservatório de mercúrio fique encostado às paredes do recipiente. Quando a temperatura tiver atingido 105 graus centígrados o doce poder-se-á considerar pronto.

Esquematisando, poder-se-á resumir a preparação deste doce de laranja nas seguintes fases:

- 1—Lavagem e corte dos frutos;
- 2—Cozedura da fruta;
- 3—Fervura com o açúcar até o termómetro atingir 105 graus C.

2.ª Receita

Os frutos são descascados, de modo que a casca fique aos gomos. A quarta parte das cascas, depois de retirado completamente o «cascabulho» ou parte branca, é cortada em tiras muito fininhas, que depois são cozidas em água adicionada de uma pitada de bicarbonato de sódio. Uma vez cozidas, as cascas são lavadas em água simples e deixadas a escorrer.

A polpa do fruto, entretanto, é cortada em pequenos pedaços, de preferência paralelamente ao «eixo» do fruto, espremendo, por último, essa zona central, que é afinal onde se encontram os caroços e onde, geralmente, a pele dos gomos é mais grossa.

Por cada quilograma de polpa assim preparada, to-

mam-se 900 gramas de açúcar. A polpa da laranja, o açúcar e as casquinhas já cozidas, são sujeitas, por último, a uma fervura que termina quando o termómetro indicar 105 graus C.

Poderemos também marcar as fases principais para a confecção deste doce e que são:

- 1—Corte e cozedura das casquinhas;
- 2—Preparação da polpa;
- 3—Fervura da polpa e casquinhas com o açúcar, até ser atingida a temperatura de 105 graus C.

3.ª Receita

Por cada quilograma de laranja é necessário meio quilo de cenouras.

Depois de lavadas, as laranjas são cortadas aos pedaços, retirando sempre as sementes.

As cenouras, uma vez raspadas, são igualmente cortadas.

Laranjas e cenouras vão a cozer, bem cobertas de água; terminada a cozedura, é tudo reduzido a puré e, em seguida, adicionado de açúcar na proporção de 850 gramas por quilograma daquela massa.

Segue-se depois a última fervura até o termómetro acusar 106 graus C.

Para finalizar o receituário de hoje, indica-se ainda e sem entrar em pormenores, uma receita de GELEIA DE LARANJA.

Cozem-se os frutos com casca, partidos aos pedaços.

Após o cozimento, coa-se através de um saco próprio ou de um pano fino para se separar a parte líquida da sólida. O líquido tinal obtido é pesado, adicionando-se-lhe açúcar na proporção de 900 gramas por cada quilo de líquido.

Leva-se a ferver de novo, até o termómetro atingir 105 graus C.

É aconselhável adicionar, nesse momento, um grama de ácido cítrico por quilograma de líquido inicial, dissolvido numa pequena porção de água, deixando apenas, em seguida, levantar fervura, após o que se considera a geleia pronta.

TRIBUNA LIVRE

é distribuída em Braga
no Quiosque Central
Largo do Barão de São
Martinho

Visado pela censura

A Ureia e as possibilidades da sua aplicação

Por Francisco Mercês de Melo—eng.º agrónomo

O consumo de adubos azotados em Portugal tem acusado nos últimos anos uma evolução linear evidenciando o processo de intensificação agrícola que o País tem vindo a atravessar e que exige cada vez mais a melhoria das condições de produtividade do solo. Entre os adubos azotados conta-se a UREIA, que embora com a menor percentagem do consumo total desta classe de fertilizantes, tem largas possibilidades de aplicação, deixando antever que, num futuro próximo, deverá entrar em franca expansão, graças às modernas técnicas de adubação foliar.

A UREIA apresenta o seu azoto na forma amídica, portanto orgânica, e o seu alto teor neste elemento, cerca de 45%, permite distingui-la como sendo o adubo azotado mais concentrado, o que conduz a uma apreciável redução nas despesas de transporte e distribuição no terreno, tal como a um baixo preço da unidade de azoto.

O comportamento da UREIA no solo é bastante característico. Inicialmente integra-se na «solução do solo» dada a grande solubilidade que apresenta, seguindo-se uma decomposição em amoníaco e gás carbónico, acompanhada de uma enérgica fixação pelos colóides do solo, nomeadamente argila e humus. Por último dá-se a nitrificação do amoníaco fixado.

Como se vê a UREIA só é fixada pelo solo depois de ser hidrolizada. Pode pois dizer-se que, até esta decomposição se efectuar, a sua mobilidade no solo é idêntica à dos nitratos.

A hidrólise, para se realizar, exige a presença dum enzima denominado urease, secretada pelos microrganismos do solo. Daqui se conclui que a rapidez dos fenómenos hidrolíticos está associada a uma intensa actividade microbiana no terreno. A duração da hidrólise é, em média, de 3 a 4 dias, podendo dizer-se que a temperatura exterior pouca influência exerce na velocidade da reacção. Porém, é curioso notar que produz uma diminuição na acidez do solo (aumentos no valor de pH de cerca de 0,5 a 0,7), mas que apenas se mantém até se efectuar a nitrificação do azoto amoniacal fixado.

Em solos muito arenosos e nos terrenos calcários é frequente ocorrerem perdas de amoníaco por volatilização, em especial nos períodos secos, pelo que é habitual, nestes casos, proceder a um ligeiro enterramento do adubo. Torna-se pois bem patente o risco

que se corrie ao affectuarem-se adubações de cobertura em tais condições.

Em solos muito permeáveis, pobres em matéria orgânica, a actividade microbiana do solo, sendo muito pouco intensa, cria condições pouco favoráveis para que a hidrólise se realize rapidamente, facilitando pelo contrário o arrastamento do adubo por lixiviação, em especial nas épocas chuvosas.

A nitrificação do azoto amoniacal é influenciada quer pelas condições climáticas, quer pela natureza do solo. Assim, em solos ácidos, a UREIA nitrifica o seu azoto mais rapidamente que o sulfato de amónio, já que a elevação momentânea de pH que se segue à hidrólise estimula a actividade microbiana do solo, nomeadamente das bactérias que operam a nitrificação.

Não devemos confundir a elevação passageira no valor de pH que acompanha os fenómenos de hidrólise, com a reacção fisiológica do adubo, neste caso ácida. Segundo Nicol, 100 kg de UREIA requerem 100 kg de carbonato de cálcio puro para neutralizarem a acidez que imprimem no terreno. Assim, parece à primeira vista que a UREIA tem uma acção acidificante superior à do sulfato de amónio, mas tal não é verdade, como podemos constatar fazendo o cálculo em relação não às quantidades de adubo, mas sim às de elemento fertilizante.

A mistura da UREIA com os outros adubos impõe grande prudência, haja em mente a incompatibilidade deste produto com alguns fertilizantes químicos, como sejam superfosfatos, nitrato de cálcio, nitrato de amónio e suas diluições calcárias, a par de tantos outros que requerem uma aplicação imediata, para se não provocarem perdas de elemento fertilizante.

A UREIA pode ser aplicada em adubação de fundo, em condições semelhantes às dos adubos nítrico-amoniacais. Como adubo decobertura tem sido igualmente aplicada, com resultados prometedores, podendo também ser utilizada no fabrico de estrumes artificiais. Contudo é o adubo azotado por excelência para a pulverização foliar, dadas as suas características, em aplicação nas vinhas, oliveiras, pomares, etc., muitas vezes associada a produtos antiparasitários e como complemento de adubação de fundo.

Visado pela Censura

TRIBUNA do CONCELHO

ABADIA CHAMA-NOS

Sem preocupações de estilo, vou dialogar um pouco com os amigos leitores acerca de Abadia.

Como me surgiu a ideia de conversar um pouco convosco? Pois muito simplesmente. Foi um passeio, caros amigos. Foi um passeio, um simples passeio a esse santuário maravilhoso. Um passeio sem nada de especial, como tantos outros que aí faço no decurso das minhas férias.

Entro no terreno do santuário: meia dúzia de «boalade», alguns apertos de mão, duas ou três palavras sobre o grande acontecimento do dia e subo rente ao «calvarinhos» na ânsia de me refrescar nas águas do Neiva.

O grande acontecimento do dia... Parecia até que me ia esquecer.

Não!... Foi esse acontecimento precisamente a fonte de inspiração deste artigo.

A Senhora dr.ª D. Maria Helena dos Santos Mota e o Senhor dr. Lourenço José da Silva, concederam-nos a honra de realizar entre nós o seu casamento. Ia dizer um «muito obrigado», mas ficou-me na garganta. Na Abadia não há o direito de pronunciar essa palavra. Muito menos me pertence a mim pronunciar-la. Sabem quem a pronuncia?

Quem visita esse recanto privilegiado da natureza. E esta vez — estou certo — foram de jovens doutores que o fizeram. Digo apenas: parabéns. Parabéns pela vossa escolha. Realizar o grande mistério do amor, realizar a comunhão mais íntima de duas almas que se fazem penha total uma da outra, na Abadia, deve ser algo de invejável que se sente mas que não se consegue exorimir.

Não conheço outro local, onde os noivos se possam sentir tão bem como nesse santuário. Penetrar nessa igreja onde a eloquência dos séculos, abraçar duas mãos nesse templo que uniu gerações sucessivas e depois — maravilhosa ideia dos nubentes do passado Sábado — saborear pratos deliciosos no sopé das montanhas...

Não há na Abadia os exotismos da vida citadina ou os regalos dos grandes senhores. Mas há a tranquilidade própria dos vales onde nascem montanhas. Há a mudez da natureza, tão parecida à mudez do amor. Há o misticismo do mistério, que nos envolve, nos envia, como vez nos suprime a linguagem. Só um desejo de contacto directo com a beleza nos pode aproximar de Abadia. Não ficaria mal à entrada do recinto um letreiro com o verso: «Proibido falar». Porquê? Porque é preciso ouvir. Ouvir

nas pedras do santuário os ecos serenos das montanhas vizinhas em adoração, os segredos das águas do Neiva (trazem seixos da montanha), o murmúrio velhinho das árvores seculares, a corrida dos carreiros íngremes na serra, os propósitos da meditação do sol poente no límpido horizonte distante...

Muitos de vós, que me ledes, dizeis: «Tentativas de poesia!»

Afirmo-vos que não. Precisaria duma alma de poeta para exprimir verdadeiramente os encantos de Abadia. Como a não tenho, deixo aqui apenas o desejo de que o leitor faça a experiência por si mesmo, se aproxime. E, se é solteiro e pensa em casar-se, por que não fazer ali o seu casamento? Junto da mulher que ama dir-me-á se lhe menti.

Sei que a maior parte há-de objectar que a Abadia é uma estância maravilhosa, mas que lhe faltam condições de vida, que está pouco desenvolvida. Plenamente de acordo. Então, vamos a um propósito, persuadidos como estamos de que Abadia merece todos os nossos esforços por todos os motivos que ninguém ignora, mas que têm carência de dinheiro: Este ano mesmo de 1962 organizaremos um cortejo para a recolha de ofertas.

Fica lançada a ideia, amigo leitor. Esperamos o como e quando convém fazer esse cortejo. Não deixes de participar desde já quer com a tua propaganda do caso, quer com qualquer sugestão que nos possas fazer e que estamos dispostos a aceitar, caso seja razoável.

Se és devoto da Senhora da Abadia, o teu amor para com Ela — fica agora posto à prova. — A. de Jesus

FALECIMENTO

Pelas 22 horas do dia 25 de Julho de 1962 na Casa do Padrão, desta freguesia de Caires, faleceu Santamente no Senhor, a Senhora D. Amélia Luiza Antunes de Almeida, solteira, proprietária, de 85 anos de idade. Foi sempre uma pessoa de bem, cheia de zelo e Caridade. Muito estimada, e querida por todos, era muito amiga de toda a sua família, mormente dos seus sobrinhos, e entre estes do Snr. P.º Luiz. O seu funeral, na sexta-feira, (Ontem) foi muito concorrido de Sacerdotes, fiéis e Irmandades. Paz à sua bela alma e sentidas condolências a toda a sua numerosa Família.—C.

CARTA DE LAGO

***** Aos amigos de perto e de longe *****

Realizou-se a festa do Senhor da Saúde no dia 15 do corrente por ser o 3.º domingo de Julho, tradicionalmente escolhido para esse fim. Apesar de haver festas em Prozelo e em Besteiros, a festa de Lago teve grande enchente de forasteiros. Houve charanga de «Zés Preiras» no sábado e domingo, altifalantes desde o dia nove a dezasseis, e a Banda dos Bombeiros Voluntários de Amares no domingo. Todas estas organizações procuraram cumprir bem.

Às onze e quinze horas co-

meçou a missa cantada. A música esforçou-se por nos deliciar com suas belas harmonias. O sermão parece ter agradado muito a todos.

Às 16,30 horas começou a reza do terço, acompanhado a cânticos, ao qual se seguiu a bênção eucarística.

Pelas 17 horas começou a organizar-se a procissão em honra do Senhor da Saúde. Tomaram parte nela doze andores, as associações religiosas, várias dezenas de figurados e milhares de pessoas devotos do Senhor da Saúde.

Depois seguiu-se o «Bazar de Prendas» já tradicional, enquanto a referida Banda dos B. V. de Amares, executava agradáveis números do seu vasto repertório musical. Estiveram presentes quatro tascos ambulantes a apregoar e oferecer aos forasteiros a sua bela pinga bem como as suas habilidades culinárias.

Desastres

Durante a festa houve dois desastres: primeiro na igreja paroquial um ciclista foi contra uma furgoneta, sendo depois conduzido ao Hospital de Braga.

No 2.º dois ciclistas esbararam-se, no lugar do Ribeiro, um contra o outro, sem consequências de maior. A ocasional e oportuna intervenção do Regedor, Senhor Agostinho

(Continua na 4.ª página)

Em férias

Encontra-se na freguesia de Moimenta do vizinho concelho de Terras de Bouro a passar umas bem merecidas férias, o nosso particular amigo e assinante deste jornal, Snr. José António de Araujo Alferes do B. C. n.º 1, que prestava serviço em Cabinda Angola, o qual nos deu o prazer de vir até cá, visitando a nossa redacção e oficinas onde é impresso este jornal.

Muito obrigado pela visita e que essas férias sejam bem passadas na companhia de seus familiares, são os nossos votos.

ANIVERSÁRIO

Passa no próximo domingo dia 29, o seu aniversário natalício o Snr. Carlos Magno da Costa Machado, ausente no Canadá.

Sua família deseja-lhe muitas felicidades e que esta data se prolongue por muitos anos.

«Tribuna Livre» felicita o aniversariante e deseja-lhe muitas prosperidades.

ARCIPRESTADO DE AMARES

Palestra Eclesiástica

Há dias realizou-se, com bastante solenidade e assistência de clero, a palestra eclesiástica mensal, sob a presidência do Senhor P.º Albino José Fernandes Alves, Arcipreste Substituto em exercício, que ao iniciarem a sessão, formulou as seguintes propostas, que foram aprovadas por unanimidade:

1.º) — Exarai no livro dos actos das palestras, um profundo

LICENÇA QUE TARDA

Desde há tempos que as obras do Largo Dr. Oliveira Salazar aguardam a licença das Obras Públicas para seguirem.

Segundo nos dizem a dita licença foi pedida no último dia do mês findo.

Trata-se de uma obra pública e, portanto, superiormente aprovada. Pelo menos nestes casos não se nos afigura necessária tanta demora.

VERSOS DE RAPAZ

RECORDANDO

A Hamilton de Lima

Um ano é já passado, e entretanto
Eu guardo ainda inteira na memória
Aquela noite, de saudoso encanto,
Em devaneios d'amor e de glória!

No céu a lua cheia, transitória,
Deitava sobre nós o níveo manto;
Tu narravas-me então a linda história
Duma mulher a quem amavas tanto

O Gê, o nosso amigo inseparável,
Lá dentro, ao bilhar, imperturbável,
Calmamente o parceiro derrotava.

Muito perto um chulé, e á janela
Um gracioso rosto de donzela
Num sorriso, d'amor m'estronteava!

Caderno d'antanho

UERBA

(Continua na 6.ª página)

CONFIANÇA

(Continuação da 1.ª página)

o Barão de Louis pedia: de-
ra ao país as boas finanças,
desse-lhe também a boa polí-
tica. E aceitou novas e mais
graves responsabilidades.
Desde então, a política atra-
vessou muitas e graves difi-
culdades, dentro do País e
no convulso Mundo da nos-
sa idade. Portugal é hoje um
exemplo de coerência e firme-
za no meio de tanta derro-
cada, como tem acontecido
desde aquele 1928 até este
1962.

Como resiste Portugal, país
de modestos recursos, ao so-
cobrar de tudo? Começa o
Mundo a interrogar-se. E os
que sinceramente querem co-
nhecer o fenómeno português
e não apenas as ideias feitas
e expedidas pelos grandes ór-
gãos de divulgação, hoje mais
umerosos e poderosos que há
34 anos, acorrem para ver e
ouvir. Há os que vêm ouvir
e ver para deturpar; trazem
a encomenda do ódio e da de-
molição. Mas há também os
honestos buscadores da ver-
dade. E esses começam a ser
em número muito maior. Há
dias apareceu a grande entre-
vista de Salazar a «U. S. Ne-
ws and World Report». Ago-
ra surgem as suas declarações
ao liberal «Il Tempo», de Ro-
ma. A Itália é, neste momen-
to, o país onde talvez Portu-
gal seja mais compreendido
injustamente tratado. Falamos
dos países situados fora da
Coutada Soviética, bem está
de ver. O jornalista de «Il
Tempo» é dos que vieram
informar-se da verdade. A
parte autobiográfica da entre-
vista é interessantíssima. É
Plutarco que a si mesmo se
descreve, paralelo de si pró-
prio porque de perene coe-
rência. Não pode esta vida
de um homem mais que mu-
lto ilustre ser apenas uma bio-
gráfica aperece a política e
aparece até, com simplicida-
de e especial clareza de
ideias, o problema da suces-
são.

Mas não é essa parte de
entrevista, de tanto interesse
aliás, que aqui pretendemos
comentar. É a parte que se
refere ao estado desmorona-
mento em que se encontra o
Mundo. Muitos dos que não
puderam evitar que os «ven-
tos da História» lhes derru-
bassem o edifício, vêm nos
com despeito — a Portugal e
à Espanha — porque não nos
deixamos abater. Pretende-
rem estes dois países não se
deixarem dominar pelo co-
munismo e pretenderem es-
tabelecer em África uma co-
vivência que traga os povos
daquele continente ao nível
da civilização e em confrater-
nização com a Europa Oci-
dental é uma autêntica e exas-
perante provação. É perfeita
a referência que o Sr. Presi-
dente do Conselho faz ao pe-
queno mas audacioso Partido
Comunista em Portugal, na
sua investida. Faz ele a polí-
tica soviética, não qualquer
política nacional. Se a pro-

fecia de Lenine e Trotski —
que renunciaram para a Pe-
nínsula a segunda União de
Repúblicas Socialistas Sovié-
ticas — se cumprisse, aconte-
ceria o que na entrevista afir-
ma o Chefe do Governo por-
tuguês:

«...instalado o comunis-
mo na Península, toda a Eu-
ropa Ocidental seria arrasta-
da, por não poder mais ser
defendida, seriam dificulta-
das as ligações a África e
desapareceria o obstáculo
que as províncias portugue-
sas e espanholas da África
representam hoje para o com-
pleto domínio daquele conti-
nente pelo comunismo. Os
melhores portos de África
Ocidental os melhores da
Costa Oriental e os caminhos
de ferro e os aeródromos fi-
cariam em mãos hostis ao
Ocidente, e este dificilmente,
em caso de conflito ou crise
grave, manteria o domínio do
Atlântico Sul e o acesso ao
Indico. Pois tudo isto se po-
deria facilmente obter, se se
conseguisse instalar o comu-
nismo na Península. Parece-
me que a magnitude dos re-
sultados justifica bem o pla-
no contra Portugal e Espa-
nha e a violência dos ataques
e difamações contra os dois
países. E não posso deixar
de lamentar que alguns no
Ocidente não se dêem conta,
ou procedam como se des-
evidentes».

Publicamos novamente este
passo da entrevista, por-
que ele exprime com lumi-
nosa clareza uma verdade
tão manifesta, que ninguém
a pode ignorar, mesmo que
não lhe agrade vê-la. Há
pouco se versou nos comen-
tários internacionais de «A
Voz» este assunto do assalto
soviético à Península. Na en-
trevista, têm os leitores ad-
miravelmente exposta, em
poucas palavras, uma reali-
dade manifesta. O Partido
Comunista em Portugal repugna
escrever «Partido Comu-
nista Português») serve
pela Imprensa e pela Rádio
este intento russo. Traba-
lha em dois planos: «des-
membrar os territórios ultra-
marinos como meio de des-
truir o Regime em Lisboa e
atentar contra o Regime em
Lisboa como forma mais ex-
pedida de conseguir os seus
objectivos em África.

Estas verdades portugue-
sas são verdades, sem qual-
quer espécie de adjectivo
ideológico ou genérico. São
verdades. Alguns jornalistas
amantes da verdade — como
Bonfiglio — as levam ao Mun-
do. Mas este pergunta, co-
mo Pilatos: — «Que é isso de
verdade?» E sem esperar
resposta, volta a satisfazer as
turbas dementadas pelas
ideias feitas, pelas calúnias
fabricadas em série. O jor-
nalista italiano ficou impres-
sionado com a verdade e
equanimidade de Salazar e
rende-lhe o preito de uma
admiração que não é simula-
da. E não há dúvida de que

Boas refeições

Continuação da 1.ª página

de ser tão saudável como
peru recheado, lampreia ou
caviar.

O problema da alimenta-
ção é demasiado importante
para estar submetido apenas
aos devaneios do luxo ou
dos sequiosos de grandezas
gastronómicas, visto que a
natureza não compreende
esses luxos e não aceita es-
sas grandezas. Por vezes re-
age até violentamente contra
todos os excessos, atirando
com a vítima para o cemitério.

A Própria simplicidade
exagerada é outro excesso
que convém evitar sábiamente.
O ideal seria uma refeição
sã, em grandes compli-
cações de refogados e exci-
tantes, não demasiado abun-
dante e preparada higiêni-
camente, isto é, rodeada de
todos os cuidados possíveis,
desde a limpeza das mãos
ao asseio dos pratos e talheres.

São cuidados elementares
para quem deseja ter boa
saúde e tratando-se de crian-
ças, absolutamente necessá-
rios.

A elaboração de uma emen-
ta é sempre problema delica-
do, sobretudo quando se
trate de doentes, pois nesse
caso convém não fazer nada
sem consultar o médico, que
é o especialista indicado pa-
ra emitir pareceres funda-
mentados.

Entretanto, e de um modo
geral, lembramos os elemen-
tares das refeições diárias:

Pequeno almoço: — Leite,
pão, manteiga.

Almoço: (Tarde): — Pão, so-
pa, carne ou peixe, legu-
mes, salada, fruta madura.

Jantar: (Noite): — Pão so-
pa, verduras, queijo ou
ovos, legumes, fruta madura.
Em princípio, e salvo ca-
sos especiais, é aconselhável
que em cada refeição este-
jam sempre presentes ali-
mentos de alto valor nutritivo
mineralizante, e estão neste
caso o leite, o queijo, a
manteiga, o mel, alface, ra-
banetes, agriões, couve, no-
zes, avelãs, laranjas, uvas,
cerejas, bananas, e, de um
modo geral, todas as frutas
bem maduras. Fugir porém
de abusos ou excessos, pois
no encantador equilíbrio de
necessário está o segredo da
grande riqueza da saúde.

em Salazar há «uma convic-
ção profunda, uma fé saudá-
vel, uma nobreza antiga»,
quando diz: — «Cuido que se
fará luz em muitos espíritos
no estrangeiro e que, como
já de outras vezes aconteceu,
acabarão por nos deixar em
paz».

A entrevista da revista nor-
te-americana e a entrevista
de «Il Tempo» e o facto de
haverem sido solicitadas e
honradamente dadas em fiel
verdade, são a prova de que
se procura a luz a respeito
de Portugal. E, por isso,
constituem motivo de conti-
nuarmos a manter a Salazar
o crédito da nossa confiança.

Transcrito da Jornal «A
Voz» de Lisboa.

CARTA DE LAGO

Continuação da 3.ª página

Soares, pôs fim à discussão
dos sinistrados.

O terceiro desastre, bem
mais grave, deu-se no fim
quando os comissários da festa
já depois de tudo acabar, es-
tavam reunidos, na garagem
paroquial, a trocar impressões,
satisfeitos por tudo se haver
processado bem; e, principal-
mente, a procissão que agradou
imensamente. Depois de haverem
comido alguns doces e bebido
vinho, os senhores José Pinto
Rato e Constantino Soares Pi-
menta, que se tinham oferecido
para deitar a última meia dú-
zia de foguetes, saíram com
os ditos foguetes enquanto os
membros da Comissão da
Festa continuavam na conversa.
Passados alguns minutos
ouve-se um foguete subir no
espaço; mas, nenhuma bomba
detonou. Os comissários, dan-
do por isso, saíram logo e o
seu presidente abeirou-se do
«Rato» e chamou-lhe a aten-
ção para a macieira que está
ao lado não fossem os foguetes
entrar-se nos seus ramos.

Estando todos atentos e con-
fiados na mestria do «Rato»
em deitar foguetes, subiu o
segundo foguete impecável-
mente. Quando este, porém,
atingia o máximo da altitude,
e ainda antes de explodir e
espalhar a sua carga, no ar
ouve-se uma brutal denotação
no bolso direito da calça do
«Rato» projectando este às
malhas abaixo da muralha.

Os comissários da festa
apressaram-se em levantar o
sinistrado e tendo verificado
os graves ferimentos produzi-
dos na coxa, virilha, e baixo
ventre direitos, do «Ratinho»
enlignaram-no, como puderam
e levaram-no imediatamente
ao Hospital de São Marcos,
onde o sr. dr. Francisco Mon-
teiro lhe dispensou os primei-
ros cuidados. Às 14 horas do
dia 16, o «Ratinho» passou à
«Terra da Verdade» e enter-
rou-se, em Lago, às 19 horas
do dia 17 do corrente. Bas-
tantes pessoas, por curiosidade
ou estima, acompanharam o

Palestra eclesiástica

(Continuação da 3.ª página)

ou por escrito, sendo pos-
sível, uma feição cada vez mais
prática, resumindo a doutrina
e seguindo o programa
estabelecido:

6.º) — Que a próxima recole-
ção espiritual, será, com a
palestra, no dia 11 de O-
tubro às 14,30 horas no Sa-
minário de Soutelo, fazendo
votos para que estas reuniões
de cultura e formação sacra-
dotal, fossem cada vez mais
frequentes e assistidas por
todos.

O Secretário das palestras,
P.º Calisto Vieira

«Ratinho» à sepultura.

A missa do 7.º dia, con-
cebidamente, celebra-se no dia
23, às 6 horas, devendo ser
muito concorrida.

Causas do desastre

O Ratinho não se metia
barulhos, era respeitador, go-
stava de servir em festas re-
ligiosas, e era louco por deitar
foguetes. Contudo, embora
não soubesse, tinha a mania
de caçar bombas de foguetes
para matar peixes, rebenta-
reiros, etc. Assim, metia-se
a deitar foguetes, mesmo que
tivesse de andar à espera
vez e a teimar com outros
o deixarem.

Durante o domingo, da-
ta apoderou-se de várias
bombas de foguetes, dos
versos fogueteiros da festa.
Ainda momentos antes do
desastre, ao encargar-se de
queimar a meia dúzia de
foguetes existente, destruiu to-
talmente um foguete e tirou
bombas todas a outro,
subiu só com a vara e o cano
do da pólvora impulsora.
Não sei quantas bombas re-
bentaram no desastre, por-
que todas as que estavam no
meio bolso rebentaram ao mes-
mo tempo. Das que tinha
outros bolsos só estão em
poder cinco. Todas se en-
lignaram no lugar da queda.
Concluindo, por hoje, digamos
que o Ratinho é o único res-
ponsável pela sua morte.
Saudações do V. J. Monteiro

Pensão de Paços

DE Amélio de Andrade

COMPLETAMENTE

RESTAURADA



BONS APOSENTOS ♦ CASA DE BANHO ♦ ÁGUA CORRENTE
♦ SERVIÇO DE MESA COM E SEM DIETA ♦ SERVIÇO
SEIO INEXCEDÍVEL ♦ AGRADÁVEL SALA DE JANTAR ♦
GRANDE ESPLANADA PARA SERVIÇO AO AR LIVRE ♦ JARDIM
DIM ♦ GARAGEM PRIVATIVA ♦ TELEVISÃO

As suas instalações e o seu serviço

São o reclame mais perfeito.

Telefone 36101

TERMAS DE CALDELAS

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

S. Paio de Seramil

(Continuação do número anterior)

terra tinha agoa bastante, ou porque o caseiro e o Abade fizessem huma mutua concordancia, ficou o caseiro sem a obrigação de pagar os frangos, e o Abade ficou com a agoa para o passal, sem mais alguma obrigação de cuja troca me parece não houve razão alguma para o dito beneficio; antes julgo, e decerto posso afirmar que ficou com excesso, isto se averiguou do tomo velho, e por alguma tradição.

Item o Campo que no tomo velho se chama a Fontoura, que de presente hé chamado Outeiro maior, tem de largo do Poente ao Nascente sessenta e oito varas... principiando a medir aonde corre hum ribeirão da parte do Norte para o Sul, isto se entende o que he lavradio, e da mesma parte do Sul fica alguma terra inculta, e da parte de fora da parede, isto he ao redor desta propriedade por fora da parede da parte do Poente fica outro pedaço de monte que parte com a estrada que vay pera a Igreja... estão possuindo Domingos Gonçalves Pimenta que paga hum alqueire de milho roivo; e Domingos Francisco viuvo, e sua filha que paga hum quarto, e Felipe Antunes meyo alqueire, tudo da mesma especie, e dentro desta propriedade tambem existe outro caseiro chamado Costodio da Silva, este de presente he obrigado a pagar a punção que lhe toqua ao caseiro Felipe Antunes; declaro que o dito Costodio da Silva hé do lugar do Orejal, e os mais acima mencionados sam do lugar de Crujeira... Confronta esta propriedade da parte do Poente com a estrada que vem de Crujeira, da parte do Nascente com o monte foryro a esta Igreja, das mais partes com terras do mosteiro de Bouro.

Item mediram elles Louvados o campo da Cortinha, que no tomo velho tinha o cognome do Clerigo, que hoje possui o caseiro Felix Pereira do Lago do lugar de Tras Deveza, freguesia de Samthiago de Villela, sito no lugar de Rial da mesma freg.a de S. Paio de Seramil... com declaração que esta medição chega em té o rego da agoa que vay para a quinta do Pinheiro...

Item mediram mais outra leira que está mista ao rego mencionado acima, por onde se servem os ditos consortes para as taes propriedades que está possuindo o caseiro Jose da Silva do lugar de Real... e declaro que esta medição tambem compreende huma leira abaixo do rego, acima mencionado... dentro desta medição estão algumas uveiras que estão possuindo Felipe Antunes do lugar de Crujeira, e tambem hum moinho, o qual está possuindo o Reverendo Antonio Miguel Borges Pereira.

Item mais medirão elles Louvados huma bouça de matto que fica proxima destas propriedades para a parte do Poente, a qual agora de presente se acha de posse nella Antonio Jose Pereira do Lago do lugar de Cabeceiros, freguesia de Santa Maria de Bouro, a qual medida... pegando a esta da parte do Nascente e Sul fica outro pedaço de monte o qual parte com a bouça de Francisco Gonçalves do lugar do Assento, freg.a de Santiago de Goães, que se divide com a parede, levará de sementeira cinco razas de centeyo, parte da parte do Nascente com terras do mesmo casal, e tambem do mosteiro de Bouro, da parte do Sul com a bouça do dito Francisco Gonçalves, do Poente com a estrada que bay pera a freg.a de Santiago de Villela, pagam de todas estas propriedades hum alqueire de centeyo annualmente.

Item mandou elle Reverendo Comissario a elles Louvados às mais propriedades que no tomo velho se tratam por nomes que hoje são ignotos, porem examinou e observou que todas elas estão foreiras a esta mesma Igreja de Seramil pagando huma função conforme as ditas terras annualmente, o que com melhor observancia o colligio do arquivo desta Igreja em dois prazos dos quaes hum delles he cabeça Costodio João e sua molher Sotriana Carvalha, e de outro André da Cunha e sua molher Antonia Gonçalves, ambos deste lugar do Assento, o qual foy feito o concluido a emprazar se as ditas terras no tempo em que existia o Abade Miguel Borges Pereira, no ano de mil e settecentos e quarenta e hum, e o outro na mesma hera, que athe este tempo não havia prazo algum, só conhecião a Igreja com a punção uniforme que agora de presente se acha o prazo de que he cabeça Costodio João, pagando annualmente a quontia de doze alqueires de milho aquoquulado; declaro que aquoquulado somente o milho porque antigamente se pagava de milho roivo, e por de presente se colher pouco, pedirão a elle

(Continua no próximo número)

Encerrou-se com particular brilhantismo o curso de capatazes de práticas fitossanitárias organizado pelo Posto Agrário de Braga

(Continuação da 1.ª página)

demar Cerdeira. As provas práticas e teóricas desenvolveram-se satisfatoriamente tendo todos os candidatos mostrado bons conhecimentos da matéria em questão. Foi-nos dado assistir a algumas das provas, mórmente às orais. Não podemos deixar de sentir uma impressão agradável pelos conhecimentos de que deram provas os candidatos, a demonstrar uma preparação cuidada e esforçada que bem justifica os parabéns que o seu instrutor, regente agrícola sr. António de Matos, recebeu. Ficou-nos a autoridade para dizer que tais cursos são muito úteis e não deixarão de produzir os melhores frutos, dado que os novos capatazes serão nas suas localidades os primeiros a divulgar os conhecimentos recebidos.

No final dirigiu uma alocução aos novos capatazes fitossanitários o sr. Eng. Trigueiros, congratulando-se com os resultados conseguidos e fazendo a cada um as últimas recomendações. Falou em seguida o sr. Engenheiro Vasconcelos para agradecer a presença das individualidades ali presentes, especialmente o sr. Eng. António Lacerda e o sr. Subdelegado do I.N.T.P., realçando a ajuda da Federação das Casas do Povo que possibilita a realização destes cursos. Dirigindo-se aos examinandos felicitou-os pela aplicação demonstrada e disse da sua obrigação em difundir os conhecimentos que acabam de receber.

Finalmente falou o sr. dr. Manuel Ascensão de Azevedo, Subdelegado do I.N.T.P. que agradeceu as referências ali feitas prometendo continuar o auxílio que vem sendo dado para que se continuem estes cursos, nos quais deposita a maior esperança.

Significativa homenagem ao CAPITÃO RUI MENDONÇA

(Continuação da 1.ª página)

te aos terroristas de dentro, para porém cõbro a infiltração que vai debilitando as nossas fileiras e impedir que certos elementos por despeito ou rancôr se aliem a elementarmente contrários à nossa ideologia protegendo-os e perseguindo aqueles que foram sempre indefectíveis servidores do Estado Novo como, disse o orador, se vê nosso meio.

No final o homenageado foi muito felicitado.

XXVII

A INDIA PORTUGUESA

por Porfirio de Sousa

Continuação do número anterior

A reunião oficial era propícia para Rexamed se desembaraçar dos seus dois influentes inimigos—e uma vez livre deles—continuar a governar, a seu belo talante, como até ali, sem opposição; tanto interna, como externa.

O plano do maquiavélico regente era facilitado, assim, pois, para melhor execução, estariam reunidas as duas vítimas—Turuxa e Afonso de Albuquerque.

Se, porém, fosse obrigado a agir em separado, arriscar-se-ia a perder-se, arrastando consigo todos os seus familiares conjurados, pois, consumado o primeiro crime já não lhe seria fácil perpetrar o segundo, visto que, logicamente, seria imediatamente preso pelos adeptos do rei e pelos capitães e fidalgos portugueses.

Contudo, se fosse bem sucedido no seu torpe objectivo, apoderar-se-ia imediatamente do poder e exerceria a maior represália sobre os cortesãos e fidalgos de Turuxa e os portugueses, e sem excepção, seriam selvaticamente chacinados.

Rexamed e os seus directos colaboradores estudaram, em pormenor, como haviam de agir em conjunto.

Visita Pastoral a DORNELAS

(Continuação da 1.ª página)

os que têm valor e razão a sua figura impôs-se a ponto de ser unanimemente tido por um sacerdote que prestigia o seu *munus* e a sua classe.

O seu triunfo, pois de triunfo é o dia em que Dornelas está em festa pela inauguração das obras que foram sua preocupação constante, é o triunfo de um valor, do mérito, do senso e da acção, é também o triunfo do um povo que se tem sabido mostrar unido e sempre tem respondido ao chamamento do seu pároco como recentemente o fez na jornada linda que foi o cortejo de oferendas.

Sua Ex.cia Reverendíssima chegará á freguesia de Dornelas ás 10 horas onde terá apoteótica recepção.

Seguir-se-ão os actos religiosos referente á Visita Pastoral e os demais actos festivos e religiosos durante todo o dia.

Abrilantarão os festejos uma banda de música, umas instalações sonoras, encontrando-se a principal artéria ornamentada a primor.

Ficou definitivamente assente que o regente entraria primeiro na fortaleza e que os seus irmãos e parentes seguiriam logo atrás dele, quer como guarda-costas, quer como auxiliares directos na execução do duplo crime.

A festa foi luzidia e movimentada.

No dia e hora aprazadas, Rexamed, seguro de si e confiado no seguro auxílio dos seus familiares, dirigiu-se, acompanhado do rei Turuxa, para a fortaleza.

Chegados á porta da fortaleza, o rei Turuxa, sedento de liberdade, ficou a conversar com os officiaes portugueses que estavam encarregados de receberem os convidados.

Depois de ligeiros cumprimentos aos representantes de Afonso de Albuquerque que, no cumprimento do seu dever, estavam estacionados á entrada da fortaleza, o regente entrou afoitamente e dirigiu-se para o fundo do improvisado salão, onde se encontrava o Vice-Rei, fardado de grande gala, acompanhado dos seus capitães e fidalgos.

O rei Turuxa despediu-se afectuosamente dos officiaes portugueses e dirigiu-se, por sua vez para o salão nobre, onde se encontrava o primeiro português, seu protector e amigo.

Os habitantes de Ormuz ao verem o corpo inanimado e ainda a gotejar sangue de cada perfuração, do seu implacável inimigo, rejubilaram de intensa satisfação e ficaram prevenidos, ao mesmo tempo, de que pagariam caro qualquer tentativa de traição que premeditassem os seus disfarçados novos senhores.

O Vice-Rei, como medida de precaução, ordenou, em seguida, que todos os que dependiam do famigerado regente abandonassem imediatamente a cidade, sob pena de serem presos e queimados vivos.

Os irmãos, parentes e amigos de Rexamed, bem como o regimento da guarda «pretoriana» abandonaram precipitadamente os limites de Ormuz e foram refugiarem-se bem longe onde o Afonso de Albuquerque não suspeitasse da sua existência:

O Vice-Rei, com a morte de Rexamed libertou o rei e o povo de Ormuz da cruenta tirania que o Regente e os disculos exerciam, desafiadamente sobre um e outro.

Ormuz, que vivia subjugada pelo medo e torturada pela opressão, conquistou, de um dia para o outro, a sua independência e liberdade, o direito à vida.

(Continua no próximo número)

TRIBUNA DE VIEIRA

CARTA DE RUIVÃES

Está para breve a inauguração da luz eléctrica nesta freguesia, melhoramento tão indispensável como o pão para a boca, e desde há muito reclamado.

O telefone público também já funciona.

Há, contudo, lugares que não podem prescindir de ser electrificados, tais como Zebra, Expindo, Frades, Botica, Santa Leocádia e Soutelos.

O sol quando nasce deve ser para todos. Outros melhoramentos se impõem, igualmente, tais como a criação de um sub-posto da G. N. R. na sede desta freguesia, para acabarem os palavrões obscenos, os furtos de lenhas, matos e frutas, os cães á solta no tempo defeso, em lugares frequentados pela caça, e o jogo das cartas exercido na via pública por menores; a construção de caminhos Municipais que liguem os lugares da periferia ao centro de Ruivães; um fontenário no local da Madragôa e outro no centro da Quintã.

Há um filho desta terra, o Senhor Doutor João da Mota Campos, que faz parte do Governo, e que é portador de predicados que muito o distinguem.

Ruivães está esperançado na sua acção. Temos esperanças em que este nosso ilustre conterrâneo nos consiga o absolutamente indispensável, para que sejamos colocados ao nível das outras terras.

Há um outro altíssimo serviço qua Sua Ex.a não deixará, estamos certos disso, de pres-

tar ao nosso concelho: é a passagem de Cabril, do concelho de Montalegre, para Vieira do Minho, que foi requerida, há anos, por cerca de 3 quartas partes dos seus moradores.

Os lugares de Fafeão e Pincães já em tempos pertenceram ao julgado de Ruivães. Os povos de Cabril têm toda a vantagem em pertencer a Vieira. Tem lugares que distam do nosso concelho cerca de 15 quilómetros, e de Montalegre alguns 45; as suas transacções comerciais são feitas, na quase totalidade, em Vieira; Cabril não tem estradas, não tem serviços médicos gratuitos para os pobres, porque Montalegre fica-lhe a uma distância enorme e, em tempo de neve, torna-se quase impossível o transito a pé, para Montalegre, e até as carreiras automóveis têm ficado muitas vezes paralizadas.

Nós não desejamos de modo nenhum ferir os interesses de Montalegre, onde temos amigos que muito e muito prezamos. Mas o nosso feito independente e amigo da justiça impõe-nos esta atitude. Amares, ultimamente julgado Municipal, trabalhou, combateu e conseguiu a restauração da antiga Comarca.

Pois Vieira deve fazer o mesmo.

O oceano de deputados, no tempo da Monarquia, Senhor Doutor Guilherme de Abreu, conseguiu, á custa de muito teimar, de muito persistir, criar a Comarca de Vieira.

Porque não havemos nós

de trabalhar também para a tornar maior, trazendo para ela uma freguesia que de alma e coração pretende ser Vieirense.

O lugar de Linharelhos, da freguesia de Salto, também devia ser anexado á freguesia de Campos, do nosso concelho, já porque não há qualquer divisão hidrográfica que tal contrarie, já porque uma grande parte de seus terrenos paga a contribuição em Vieira, já porque fica a uma pequena distância da freguesia de Campos, quando Salto lhe fica a uma distância 4 ou 5 vezes superior, e já, finalmente, porque os seus habitantes teriam toda a vantagem em pertencer ao nosso concelho.

E, para finalizar, lembro ao meu ilustre conterrâneo, Senhor Dr. Mota Campos, a macadanização da estrada de Campos, pois que as chuvas de inverno têm aberto autenticos barrancos nessa estrada e, se providências immediatas forem tomadas, perder-se-á tudo quanto estava feito.

Nunca pedi, para mim, benenos nem conto suplicá-las, porque o meu tempo passou; mas o meu ardente desejo era que Ruivães e Vieira ficassem ao nível das outras terras.

Será isto caturrice de um velho?

Será, não digo o contrário, mas abençoada caturrice, que consegue acender no meu coração o desejo veemente de pugnar pelo que é justo e pelo bem da minha terra.

Amadeu Cesar

Visado pela Censura

O Ladrão das capoeiras

Na noite de 21 para 22 uma alcateia de raposas sem rabo resolveu fazer uma limpeza ás capoeiras daquela freguesia e visinhas.

Quando surgiu o dia 22 e todos se derigiam para a Santa Missa é que foi reconhecido o motivo da inquietação e latir constante dos cães do povoado nessa noite sem nuvens!

Com seu laburioso trabalho anularam muitas tentativas, não impedindo no entanto que fossem victimas a Sra. Alda de Jesus de Campos a quem furtaram oito bicos que era a existência do seu capoeiro e ao Sr. Almeno da Rocha dois

invejáveis frangos!

Outras faltas foram registradas nas freguesias visinhas, o que nos prova que era numerosa a alcateia feroicida; foram tomadas medidas de precaução criando-se patrulhas nocturnas feitas por populares para tentar a capturação ou o extermínio dos Ratoneiros.

Recomenda-se que ao primeiro sinal de alarme na noite toda tenham exatidão, para testemunhar mais uma vez quem somos, desmascarando, ou matando se necessário for.

O Ladrão das capoeiras.

José Silva

TRIBUNA DE PRADO

Casamento Elegante

No passado domingo dia 8 do corrente, realizou-se com grande pompa na Igreja Matriz desta Vila, o enlace Matrimonial da Sra. D. Maria da Conceição Machado, filha estremosa do Sr. António Augusto de Sá Machado, conceituado Construtor Civil, e da Sra. D. Rosa Pinheiro Machado, com o Sr. Manuel Baptista Moreira, filho do Sr. Francisco da Silva Moreira, criterioso Industrial nesta Vila, e da Sra. D. Luisa Baptista Gonçalves.

Este casamento, reuniu cerca de 120 convivas das várias camadas sociais, dentre as quais nos apraz destacar o Sr. Alvaro Soares, sua Esposa D. Maria Joaquina Magalhães Azevedo Soares e a sua dilecta filhinha, o Senhor Fernando Magalhães Azevedo e as Sras. D. Maria do Livramento Magalhães Azevedo e D. Ana Joaquina

Magalhães Azevedo, da cidade do Porto.

Dignou-se abençoar este enlace o Rev. Cónego Domingos Peixoto da Costa e Silva, Dig.mo Abade da freguesia.

Paraninfaram pelo noivo o Sr. Alvaro Soares e pela noiva a Sra. D. Maria Joaquina Magalhães Azevedo Soares.

Foi celebrante o Rev. do Pe. Mota Soares, Carmelita, que em momento próprio usou da palavra para com os noivos numa significativa e carinhosa alocação.

Terminada a Missa e demais cerimónias da praxe, a interminável fila de carros dirigiu-se á residência do Sr. Machado, onde, ao grande número de convivas, foi servido um lauto banquete a cargo do Sr. Frankim, da cidade de Braga.

Aos noivos, que fixam residência no Porto, «Tribuna Livre», presente neste acto, deseja as maiores venturas numa longa vida.

PADRE JOSÉ DE MATOS FERREIRA

Precursor do Padre Martins Capela, na investigação da antiguidade romana da Geira D. S.

Bernardo de Brito pôde descobri, de que faz menção a sua historia. (Mon. Lusit. 2.ª p. em Trajano e Vespasiano).

E como me achasse ao presente residindo no retiro de São João do Campo, proximo ao Gerez, assistindo com o Reverendo Abbade Pedro de Carvalho Coelho meu Tio, a donde tive noticia que por hum Decreto Real se pedia não só noticias de Braga, mas de todas as cousas do Arcebispado, para a Real Academia; e como o divertimento da minha ociosidade era a lição das historia e acções famosas dos nossos inclytos Portugueses, achei entre as mais historias, que li, que os antigos Romanos, e seus nobilissimos e Augustos Emperadores, e Legados habitarão a Augusta cidade de Braga, e a tinham muito ennobrecido, e que della para a nobre Roma abria o magnanimo dos mais famosos herois hua nobilissima estrada, que sahindo da Augusta Braga, entre pelo Gerez, e que por todo este caminho deixarão levantados padrões de notavel grandeza, com varias inscripções, em que gravarão para si nome eterno, e para Braga immortais glorias, das quais não havia já memoria, ou muyto pouca; pois alem dos tres padrões, que descobriu o Reverendissimo Doutor Fr. Bernardo de Brito, de que acima fallo, se acharão entre os do campo de Santa Anna, de Braga, huns cinco, que erão dos que estavam no principio da estrada, e vizinhanças da cidade, dos quais não dou principio a esta pequena obra por a certeza, que tenho, de que forão já remetidas suas inscripções por pessoa doutissima, e fidedigna para a Real Academia de Lisboa.

O fervoroso Zelo de restaurar as glorias da minha Augusta Braga, a noticia que das historias alcancey, os vestigios que ocularmente vi, e juntamente o que investiguei dos antigos habitadores camponeses, me obrigarão (facilitando me a isso a vizinhança do Gerez) conquistar este thesouro, em que Braga tinha escondidas as suas glorias; e noticiey esta empresa a alguns curiosos antiquarios de Braga, de quem conhecia as havião de estimar como verdadeiros amantes da patria; e por serem para esta empresa necessarias ordens para que o preceyto vencesse a repugnancia dos indomitos camponeses foi tal a benignidade do Doutor Hieronymo de bettem, corregedor da comarca de Vianna, em cujo destrito fica o concelho de Terra de Bouro, que com summa liberalidade expedio ordens para as freguesias do tal concelho, mostrando-se com igual gosto nesta empresa, que bem se faz credor do mais singular premio.

Entrey, pois, com tão boa fortuna nesta empresa, na companhia de alguns amigos, aos 16 de Agosto de 1728 annos, e investigando por onde o tal caminho hia; e ainda que a malicia, e proprio interesse dos lavradores com suas culturas o tinham demolido em muytas partes vim contudo (com muyto trabalho) a descobri-lo clara, e distamente, com signaes evidentes de paredões, e as mais das columnas enterradas, nas quaes sem duvida havia de haver algumas noticias; comecet a medir os passos dos Romanos, e venturosamente achei vestigios, continuey e fuy descobrindo padres, os quais muyto custareo a desentranhar da terra, onde avara guardava aqueles simulacros da grandeza, e descobri 74 padrões inteyros, e partidos, e a copiação de algumas inscripções me foy bastantemente custosa, por estarem gastadas do tempo, e se não poderem ler.

Este he o Thesouro que te offereço nesta verdadeira relação o qual não procurey illustrar com os os alinhos da Rhetorica, mas com verdade pura; as letras vão assim, como as achei, bem e fielmente, para que vejas tu (ó benevolo leitor) que sei, has de estimar o meu trabalho, que te confesso, não foy pouco, já por subir á eminencia daquelles penhascos, gigantes tão soberbos, que parece, se queres abraçar com o Céu, já pella inclemencia dos excessivos calores que

(CONTINUA)